



A IN(DISCIPLINA) NA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA: perspectivas outras

THE IN (DISCIPLINE) IN MATHEMATICAL EDUCATION: other perspectives

Angela Guida¹

Thiago Pedro Pinto²

RESUMO

Narramos aqui³ a experiência de dois professores com formação e atuação em programas distintos que se reuniram para ministrar uma (in) disciplina ofertada a alunos de Pós-Graduação [mestrado e doutorado] também de programas aparentemente diversos: Estudos de Linguagens [PPGEL/Letras] e Educação Matemática [PPGEumat]. A (in) disciplina intitulada “Filosofia e educação matemática” buscou discutir o pensamento de dois importantes filósofos do século XX, Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida, que conferiram acentuada relevância à linguagem em suas reflexões filosóficas. A discussão foi realizada a partir de temas gerais como ética, linguagem, imagem, tradução, jogos, entre outros, com a leitura de textos destes dois pensadores, sem a intenção de delimitar convergências, mas sim a explicitação de modos de ler/abordar tais temáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Jacques Derrida; Wittgenstein.

ABSTRACT

Two teachers from different fields of knowledge, acting in distinct graduate programs, got together to teach an (in) discipline to graduate students [Master and Doctor] also from different programs: Language Studies [PPGEL/Letras] and Mathematics Education [PPGEumat], and here they discuss their experience. The (in) discipline “Philosophy and Mathematics Education” aspired to discuss the thinking of two remarkable XX-century philosophers, Ludwig Wittgenstein and Jacques Derrida, whose philosophical reflections enhanced language. General themes as ethics, language, image, translation, games and others were the starting point of discussions based on Wittgenstein and Derrida’s texts. There was no intention of delimiting convergences, but rather making explicit ways of reading or approaching such themes.

KEYWORDS: Philosophy; Jacques Derrida; Wittgenstein.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. angelaguida.ufms@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. thiago.pinto@ufms.br

³ Este texto se constitui de uma ampliação e revisão de um relato de experiência apresentado no XII Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisas em Educação Matemática (SESEMAT – 2017).

“Na investigação do conhecimento eu não sinto mais que a alegria da minha vontade, a alegria de engrandar; e se há inocência em meu conhecimento, é porque há nele vontade de ser fecundado”.
(Friedrich Nietzsche, 1981, p. 101)

“Como poderia um físico teórico de partículas dialogar seriamente com um neurofisiologista, um matemático com um poeta, um biólogo com um economista, um político com um especialista em informática, exceto sobre generalidades mais ou menos banais?”
(Basarab Nicolescu, 1999, p. 21)

Preâmbulo de uma narrativa...

A menina dos olhos das pesquisas acadêmicas, há algum tempo, parece ser tudo aquilo que possa, de alguma forma, atravessar a chamada disciplinarização do conhecimento. Assim, radicais ou prefixos como *trans*, *pluri*, *multi*, *inter* são frequentemente associados à palavra disciplinaridade: interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade ou qualquer outra denominação que evidencie o caráter de “mais de um”, o caráter de diálogo entre distintas áreas do saber. O prêmio Nobel de Literatura de 2016 é um reflexo de tempos *trans* com a vitória do músico e letrista americano Bob Dylan, que até então era conferido a pessoas ligadas a literatura.

Não obstante, o que surgiu como uma possibilidade de ser um caminho profícuo para o pensamento e, por conseguinte, para se repensar os saberes disciplinares, pode guardar em si algumas armadilhas, uma vez que também se é comum a busca por aspectos que possam evidenciar e/ou justificar possíveis pontos de convergência ou de dessemelhança entre as áreas em questão. E só fica nisso. No emaranhado de prefixos e nomes para tentar dar conta do pensamento contemporâneo, parece-nos sobremaneira pertinente e produtivo pensar em fronteiras, sejam elas físico-geográficas, epistemológicas, entre humano e animal, entre homem e máquina e tantas outras fronteiras que sinalizam o início de uma nova era na produção de conhecimento. “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”.⁴

Como subverter fronteiras erigidas por disciplinas acadêmicas? Essa é uma das perguntas que se faz Basarab Nicolescu⁵. O estudioso argumenta que em muitas propostas de diálogo entre disciplinas, em certa medida, ainda há o privilégio de uma sobre a outra. Uma “torre de babel” das disciplinas que mesmo ultrapassando disciplinas, ainda se inscreve na tradição disciplinar, como é o caso da pluridisciplinaridade, em que um determinado objeto de uma disciplina é estudado por várias disciplinas.

⁴ HEIDEGGER apud BHABHA. O Local da cultura, (2010), p. 19

⁵ Físico teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França (C.N.R.S.). Fundador e Presidente do Centro Internacional de Pesquisas e Estudos Transdisciplinares (CIRET).

Um quadro de Giotto pode ser estudado pela ótica da história da arte, em conjunto com a da física, da química, da história das religiões, da história da Europa e da geometria. Ou ainda, a filosofia marxista pode ser estudada pelas óticas conjugadas da filosofia, da física, da economia, da psicanálise ou da literatura. Com isso, o objeto sairá assim enriquecido pelo cruzamento de várias disciplinas. O conhecimento do objeto em sua própria disciplina é aprofundado por uma fecunda contribuição pluridisciplinar. A pesquisa pluridisciplinar traz um algo a mais à disciplina em questão (a história da arte ou a filosofia, em nossos exemplos), porém este “algo a mais” está a serviço apenas desta mesma disciplina. Em outras palavras, a abordagem pluridisciplinar ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar (NICOLESCU, 1999, p. 21).

Reflexão semelhante Nicolescu faz quando se trata de interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, ou seja, o conhecimento ainda se encontra atrelado a uma determinada disciplina. Pior que isso: nessa disciplinarização fica evidente que há certa fragmentação do conhecimento. Para Nicolescu é a transdisciplinaridade que vai conseguir ir além, posto que seu escopo encontra-se sobremaneira no conhecimento. “Diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p. 22).

Mais recente, a linguística aplicada traz um novo termo com a promessa de ser ainda mais amplo que a transdisciplinaridade. Falamos da indisciplinaridade. In é um prefixo de origem latina. Na acepção comum, o –in denota privação, negação, sentido contrário. Negação de uma disciplina, essa é a proposta? Decerto que não. Não se trata de negar esses saberes disciplinares, sim de questioná-los; saberes que se constroem em disciplinas “disciplinadas”, ou seja, aquelas que se negam ou se privam do diálogo com outros campos do conhecimento e, por conseguinte, das potencialidades que podem emergir de tais diálogos.

Ela [linguística aplicada] é indisciplinar tanto no sentido de que reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente, para além de paradigmas consagrados, que se mostram inúteis e que precisam ser desaprendidos (Fabrício, 2006) para compreender o mundo atual. Ou, como diz Stuart Hall (1996) em relação à teorização pós-colonial: um modo de pensar que tem como objetivo atravessar/violar limites ou tentar “pensar nos limites” ou “para além dos limites”. Uma LA que, talvez, seja mais bem entendida como transdisciplinar, no sentido de que deseja atravessar as fronteiras disciplinares, continuamente se transformando (LOPES, 2010, p. 9).

Na esteira desse pensamento (in) disciplinar preconizado pela linguística aplicada, o professor Joel Rufino dos Santos, em orelha de seu livro – *Quem ama literatura não estuda literatura: ensaios indisciplinados* – lembra ao leitor que a indisciplinaridade dos ensaios que constituem o livro é uma maneira de pensar sem rede de proteção, sem segurança, ou seja, assumindo inclusive os riscos de se enganar, mas também de produzir o conhecimento:

“Indisciplina aqui é o método de pensar na fronteira das disciplinas, em vez de no interior de cada uma, onde as conclusões parecem em segurança.” A (in) disciplina se manifesta como uma alternativa para se pensar e fazer o conhecimento acontecer de forma mais efetiva? Talvez seja cedo para dizer um sim ou um não. De qualquer forma, a aposta é grande e, talvez, na educação como na vida, são as apostas, ousadas ou não, que fazem com que se mantenha em nós a pulsação...

Parceiros do diálogo (in) disciplinar: como tudo começou...

Tendo como ponto de partida a ideia, nada simples, de terapia filosófica e desconstrução, o diálogo com os filósofos Wittgenstein e Derrida na (in) disciplina “Filosofia e Educação Matemática” possibilitou uma ampla e produtiva discussão acerca da linguagem e suas implicações no cotidiano escolar e na prática docente, conforme tentaremos demonstrar na explanação que se segue.

Bem, “Filosofia e Educação Matemática” foi um “ousado” [palavras do professor Antonio Miguel⁶] exemplo de se atirar ao abismo sem rede de proteção por vários motivos: os dois pensadores escolhidos para o diálogo, no dito popular, são tomados como pensadores “difíceis”, sabe-se lá o que isso quer dizer; apesar de já ter um contato com o pensamento de Wittgenstein e Derrida, não éramos especialistas, “donos de referenciais teóricos” (como às vezes se ouve na academia), nos quais se assume uma autoridade de dizer sobre o que o outro quis dizer, ou de estar totalmente confortável, e diríamos inerte, com tais leituras; também foi um desafio assumir para os alunos, talvez ávidos por uma resposta acalentadora, que não trazíamos nenhuma definição de terapia filosófica, de jogo de linguagem e desconstrução. Como eles, nós professores também nos encontrávamos ali movidos por um convite ao pensar e, talvez, ao final, sairíamos com mais perguntas que respostas. Desconstruímos o tempo todo, mas não definimos o anseio pelo conceito de desconstrução; fizemos terapia filosófica desde o primeiro instante, mas não conceitualizamos o que é terapia filosófica. Jogamos com a linguagem o tempo todo, mas não limitamos o que é jogo de linguagem. Deixamos essa função para aqueles que se sentem mais afinados com a filosofia metafísica.

Mesmo com algumas limitações e exemplos mal sucedidos, mas que não vêm ao caso citá-los agora, já podemos vislumbrar um movimento em direção a um saber em rede, um saber dialogal, isto é, um saber cuja área de formação não se dá como um empecilho para o diálogo, mas sim como uma possibilidade de fomento para produção de conhecimento. Neste sentido, alguns professores que atuam no PPGEdumat e PPGEL vêm discutindo e percebendo

⁶ Prof. Dr. Antonio Miguel (UNICAMP) teve participação em um dos encontros desta disciplina, em especial por seus trabalhos que dialogam com os dois pensadores com os quais aqui trabalhamos.

que há leituras e interesses afins que podem contribuir de forma efetiva com o processo de formação de docentes e alunos. Entretanto, é importante salientar que para acontecer este diálogo não se faz necessário que o professor de letras deixe de ser professor de letras e o de matemática deixe de ser professor de matemática, ou seja, que eles se “limpem” de suas respectivas formações. Muito pelo contrário: importa perceber o que cada um tem a contribuir com suas especificidades para a produção do conhecimento, porque, ao final, o que importa é pensar, dialogar e produzir conhecimento. O acontecimento da disciplina “Filosofia e educação matemática” no segundo semestre de 2016, nas dependências do PPGEdumat, constitui-se, sem dúvida, como um importante exemplo de que é possível pensar para além dos cercados das disciplinas e dos departamentos, centros ou qualquer coisa parecida com isso.

No que diz respeito ao pensamento de Derrida, mesmo sem definir o que é desconstrução, julgamos pertinente fazer com que os alunos percebessem que, ao contrário do que se poderia pensar pela semelhança do vocabulário, a desconstrução não seria um convite para a destruição de conceitos e do que quer que seja, mas antes, um convite para se pensar sobre a metafísica ocidental e muitos de seus dogmas e doutrinas inquestionáveis e colocados como à prova de qualquer desconcerto, isto é, discutir a fragilidade de saberes produzidos com base em conceitualizações, oposições, hierarquizações, certezas inquestionáveis e tantos outros.

Como demonstramos o operar da desconstrução sem definições? Por exemplo, discutimos o livro de Derrida *A farmácia de Platão*, no qual o filósofo, por meio de uma leitura desconstrutora, apresenta-nos outra possibilidade de leitura da obra de Platão, *Fedro*, que vai além do que se costuma ler nela: uma obra que fala do amor. Fala sim do amor, mas também há um outro texto ali: a condenação da escritura.

Em particular — e este será nosso fio suplementar —, toda a última parte (274 b sq.) consagrada, como se sabe, à origem, à história e ao valor da escritura, toda essa instrução do processo da escritura deverá um dia cessar de manifestar-se como uma fantasia mitológica sobreposta, um apêndice que o organismo do diálogo poderia muito bem dispensar sem prejuízo. Na verdade, ela é rigorosamente invocada de um extremo a outro do Fedro (DERRIDA, 2005, P. 12)

Mas como a desconstrução pôde e pode nos auxiliar em nossa proposta de (in) disciplinaridade? Antes vale lembrar que esse termo, intrinsecamente ligado ao nome de Derrida, na verdade, já havia sido trazido à reflexão por Martin Heidegger — *destruktion* — quando o filósofo alemão propôs a destruição da metafísica. Na língua alemã, o referido termo também possui o sentido de algo que não seja simplesmente destruição, isto é, uma desconstrução mesmo, entretanto, ao ser traduzido para o francês, não foi possível manter o

igual efeito. Assim, Derrida optou por traduzir *destruktion* por desconstrução e evidenciar que sua intenção maior sempre foi questionar o lugar da metafísica, bem como demonstrar a fragilidade de conceitos que, ao longo da tradição, se erigiram na esteira do binarismo e das oposições. No entanto, mesmo com o cuidado do filósofo franco-argelino, ainda há aqueles que associam desconstrução a destruição.

Seria a desconstrução um sistema filosófico, uma teoria, um método, uma metodologia de pesquisa? Não há um conceito para desconstrução e é difícil pensá-la no singular. Aliás, o próprio Derrida, nas muitas entrevistas que concedeu a pesquisadores brasileiros (como o professor Evando Nascimento) e estrangeiros, falava em desconstruções, acreditando que a forma pluralícia daria conta de demonstrar melhor o seu operar. É em *Gramatologia*, ao questionar o sistema binário dos signos, que foi proposto pelo linguista Ferdinand Saussure, que Derrida se torna conhecido por suas leituras desconstrucionistas, entretanto, uma das obras mais citadas do filósofo para se referir à desconstrução nos parece ser *A farmácia de Platão*, uma vez que nela questiona a supremacia da fala em detrimento da escrita, conforme já foi sinalizado aqui.

Na referida obra, Derrida lê *Fedro*, texto no qual Platão exalta o valor da fala, alegando que a escrita, além de causar prejuízo à memória, também faria com que as pessoas, mais tarde, ao lerem os textos escritos, pudessem engendrar interpretações diferentes daquelas que haviam sido inicialmente idealizadas por quem escrevera. Platão compara a escrita ao *phármakon* (remédio e veneno), pois embora possa sugerir, em primeiro momento, um bem à memória, um remédio (*phármakon*), na verdade, trata-se de um mal, um veneno (*phármakon*), conforme podemos entrever nesse fragmento do diálogo entre Sócrates e Fedro.

Essa descoberta [a escrita], na verdade, provocará nas almas o esquecimento de quanto se aprende, devido à falta de exercício da memória, porque, confiados na escrita, recordar-se-ão de fora, graças a sinais estranhos, e não de dentro, espontaneamente, pelos seus próprios sinais. [...] O que a escrita tem de estranho, que a torna muito semelhante à pintura. Na verdade, os produtos desta permanecem como seres vivos, mas, se lhes perguntares alguma coisa, respondem-te com um silêncio cheio de gravidade. O mesmo sucede também com os discursos escritos. Poderá parecer-te que o pensamento como que anima o que dizem; no entanto, se, movido pelo de aprender, os interrogares sobre o que acabam de dizer, revelam-te uma única coisa e sempre a mesma. E, se uma vez escrito, todo o discurso rola por todos os lugares, apresentando-se sempre do mesmo modo, tanto a quem o deseja ouvir como ainda a quem não mostra interesse algum, e não sabe a quem deve falar e a quem não deve. Além disso, maltratado e insultado injustamente, necessita sempre da ajuda do seu autor, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo. (PLATÃO, 1990, p. 252).

Entre os detratores de Derrida, há argumentos que se movimentam em direção assaz equivocada, como, por exemplo, dizer que o filósofo não produziu nada, mas apenas ficou “implicando” com produções alheias. É claro que o trabalho desconstrucionista que

desenvolveu, em certa medida, o fazia dependente de outros textos, mas isso não invalida em absolutamente nada suas produções. No caso de Platão, por exemplo, é importante reiterar que Derrida nunca disse que o filósofo estava enganado ao fazer a defesa da fala, argumenta apenas que a escrita também pode ser um remédio, um remédio poderoso para a memória e para o conhecimento de textos tão importantes para o pensamento que só foram preservados e chegaram até nós porque foram escritos, portanto, condenar a escrita inteiramente não passa de um fonocentrismo que como todo “centrismo” traz prejuízos ao pensamento e ao conhecimento como episteme.

Os gregos apresentam três maneiras distintas para se pensar o conhecimento: doxa, episteme e sofia. A doxa se encontra ancorada no senso comum, um conhecimento estruturado na experiência da opinião comum a todos; a episteme está ligada ao dito conhecimento científico, sistematizado e a sofia, como já se pode intuir, é o conhecimento vinculado à sabedoria, sustentada por uma vasta experiência de vida – “os velhos sábios”. Num sistema metafísico é normal se perguntar qual desses conhecimentos seria o mais correto. Mas a pergunta a ser feita, não é bem essa, em que um simples melhor ou pior daria conta de traduzir as epistemologias outras que nos cercam, afinal estamos diante de três formas de conhecimento que são relevantes e, ao longo da história, têm demonstrado sua importância. Talvez a pergunta mais afinada com os anseios de uma epistemologia contemporânea seja: *quando* e *como* o conhecimento e/ou os saberes compartilhados são relevantes para uma escola e universidade mais aberta ao diálogo e à escuta do outro?

Convocar Derrida como interlocutor na universidade e em uma (in) disciplina que se propôs, desde o início, como um espaço para questionamentos e produção de conhecimento é bastante legítimo, uma vez que o filósofo, apesar de não ter escrito nenhum grande tratado sobre ensino, aprendizagem, educação e afins, não deixou de contemplar em suas discussões o espaço acadêmico com críticas severas a um modelo de universidade que, nas palavras do filósofo, ainda sustenta um projeto racionalista e iluminista. Derrida discute em *A universidade sem condição* a necessidade de existência de uma universidade incondicional e independente. Mas reconhece o quão difícil é conseguir isso, posto que sobretudo em virtude de financiamentos econômicos as universidades fazem acordos, contratos e pesquisas que, às vezes, estão muito mais a serviço de indústrias do que da educação. Para o filósofo franco-argelino, a universidade deveria ser o último espaço de resistência e crítica, inclusive de crítica a ela mesma, a sua própria história; enfim, uma universidade desconstrutiva. A proposta de nossa (in) disciplina “Filosofia e educação matemática”, com sua configuração diferente do que se está acostumado a ver no espaço acadêmico foi uma tentativa de fazer

um movimento de busca por uma universidade crítica a si mesma, como tanto desejava Derrida, pois enquanto houver desejo pelo conhecimento haverá quem o fecunde.

Todo esse movimento desconstrutivista a partir da leitura de Derrida parece, de alguma forma, dialogar com o que tem sido chamado de “terapia filosófica” proposta a partir da leitura, em especial, do *Investigações Filosóficas*, de Ludwig Wittgenstein. Nesta obra o pensador austríaco se opõe a sua obra inicial, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, e a toda corrente metafísica, na sua concepção de como “funciona” a linguagem. Se num primeiro momento ele buscava por uma linguagem “ideal” que pudesse esclarecer e ser referência para nossa linguagem cotidiana (uma deturpação dessa linguagem ideal), agora ele propunha a inexistência de tal “entidade”, focando exclusivamente no uso ordinário da linguagem em suas múltiplas e variadas práticas e usos – estes são os significados das palavras.

Mais do que se referenciar a algo fora da prática cotidiana, as palavras, frases, são lances em jogos nos quais participam toda uma forma de vida, jogos que são criados, jogados, modificados e, por ventura, morrem, dando lugar a outros. Não há uma essência, traço essencial, que una todos os jogos de linguagem, como também não há para o uso que se faz de determinadas palavras. Quantas são as palavras que possuem usos tão diversos o suficiente para que nada, ou quase nada, se possa traçar de comum em seus diversos usos? Alguns, talvez, diriam que são figuras de linguagem, usos conotativos, gírias... mas quais seriam então os usos “corretos” das palavras? Onde residiria esta “legitimidade” de significados?

Cotidianamente nos empenhamos em diversas ações, das mais diversas naturezas e usamos uma mesma palavra em várias delas, cada qual com um significado (uso) diferente. Wittgenstein atenta para o “erro” de não procurar o significado das palavras nestes usos ordinários mas sim “fora deste mundo”, numa empreitada metafísica, como comumente fazem os filósofos. Para o autor das *Investigações Filosóficas*, estes são maus usos da linguagem, quando, ao invés de “olhar” para os usos que estão aí, em nossa frente, buscamos “pensar” no oculto “por trás das palavras”, buscando uma essência para elas.

Em sua escrita ele distingue a “aparentemente” sutil diferença entre jogar e dizer sobre o jogo. Para ele, o importante é jogar, entender como se joga e permanecer aí e do modo que está, pois a “filosofia deixa tudo como está”, visto que propõe novos jogos que “explicam” os usos que deveriam ser os corretos (segundo ela e não segundo nossos jogos cotidianos): explicar um jogo não é jogá-lo! E o que mais faz nossas universidades e centros de pesquisa que não produzir novos jogos onde o uso “cotidiano”, “ordinário” das palavras sai de cena. O desejo metafísico e dogmático habita a cátedra. Neste sentido, o filósofo austríaco “cai como uma luva” (de pelica) no espaço acadêmico e todas suas teorias que “explicam tudo”.

Enfim a (in) disciplina se fez carne: uma história dos encontros...

Os encontros aconteceram nas dependências do PPGEdumat, mas há o interesse em oferecer a mesma disciplina nas dependências do PPGEL. Ao todo foram nove encontros entre os meses de setembro, outubro e novembro de 2016. Em cada encontro discutíamos temas/problemas a partir do diálogo com Wittgenstein e Derrida. Alguns temas/problemas apontados não foram tratados diretamente pelos filósofos, mas perpassaram suas obras, como, por exemplo, no caso de Derrida a questão da Ética. O filósofo não escreveu uma obra em que se pusesse a discuti-la, no entanto, ela permeia a obra de Derrida em sua manifesta preocupação com o ser humano, com a violência contra os animais, com governos totalitários, com a pena de morte, etc. Da mesma forma, Wittgenstein não toca, em sua segunda fase, na temática da ética, possui, no entanto, uma *Conferência Sobre Ética*, na qual pontua sua visão sobre esta temática, mas calcado ainda numa visão metafísica. Com postura oposta a essa, sua segunda fase é marcada pelo relativismo com que aborda todo e qualquer conceito, não um relativismo absoluto, visto que somos regrados por uma gramática dos jogos dos quais participamos. Desta forma, inclusive “ética” é um termo que deve ser observado nos jogos cotidianos de linguagem, e seu significado é, justamente, o uso que se faz desta palavra, e não algo que transcenda. Por outro lado, leitores conseguem, a partir de uma determinada ideia de ética olhar para a obra de Wittgenstein e identificar ali pontos que parecem ser tomados pelo autor como algo “bom e desejável”, como, por exemplo, buscar uma visão panorâmica das coisas.

No primeiro encontro falamos um pouco sobre os filósofos com os quais dialogaríamos ao longo da disciplina; uma apresentação informal de Derrida e Wittgenstein. Ainda pedimos que falassem sobre as expectativas com relação à disciplina. Esse questionamento pôde comprovar que a velha dicotomia números *versus* letras ainda tem o seu lugar, pois alguns alunos do curso de letras se mostraram desconfiados com o fato de estarem com colegas da matemática e vice-versa. Mas há esperança, pois mesmo desconfiados aceitaram o desafio de cursar a disciplina. Na sequência selecionamos fragmentos diversos de pensadores ou de falares populares e sem nominá-los fizemos as projeções dos fragmentos e pedimos que discutissem acerca do que liam. O objetivo dessa atividade foi fazer com que percebessem que as ideias filosóficas são cotidianas, ou seja, a filosofia se nutre, ou deveria se nutrir, do dia-a-dia.

Para cada um dos encontros, propusemos que discutíssemos um tema/problema sob o olhar de Wittgenstein e Derrida. Os textos referentes aos encontros foram enviados com antecedência, a fim de que todos pudessem fazer a leitura prévia e deixar o tempo das

aulas/encontros apenas para as discussões. É importante salientar que não pretendíamos forçar uma relação de convergência entre Wittgenstein e Derrida, mas apenas discutir o modo como lidaram com tais temas/problemas. Por que razão eles foram escolhidos? Porque tanto um quanto o outro deram importantes contribuições para discutir a questão da linguagem, que é nosso interesse maior. Em alguns momentos percebíamos que havia certas convergências; em outros, divergências, assim como houve divergências nossas com os filósofos, bem como dos alunos conosco e com os filósofos, pois dialogar não é sinônimo de concordar assertivamente com tudo que o outro argumenta. Isso faz parte do processo de pensar, questionar e, por conseguinte, de produzir conhecimento. É claro que as discordâncias dos alunos se deram de forma mais tímida, pois por mais que déssemos abertura, ainda há uma relação assimétrica de forças entre aluno e professor, na qual se sustenta a crença [e convenhamos não fortuita] de que o professor está acima do aluno. Entre os temas selecionados para os encontros estavam imagem, jogo, ética, linguagem e tradução.

Em um dos encontros nos foi possível contar com a presença, via webconferência, dos professores Antônio Miguel [Unicamp] e Fernanda Valim Côrtes Miguel [UFVJM-Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e do Mucuri]. O professor Antônio Miguel e a professora Fernanda também dialogam com Wittgenstein e Derrida e discutiram conosco acerca do pensamento desses dois filósofos. É interessante notar que estes dois interlocutores possuem também a mesma formação diversa que a nossa, tendo como foco de produções a Educação Matemática e o campo das Letras, respectivamente. Além disso, ambos também já produziram juntos, problematizando esta aproximação e uso conjunto destes dois pensadores aqui em voga. Em uma profícua discussão explicitaram diversas potencialidades deste uso conjunto, tanto para a Literatura quanto para a Educação Matemática. Fernanda nos mostra como é possível ler a temática do feminino em diversos textos literários tomando estes dois referenciais, enquanto Antonio nos possibilita um grande passeio pela velha cidade da linguagem, a qual habitamos em nossas práticas cotidianas. Juntos, produziram, por exemplo *“Uma terapia do noturno a partir do War Requiem de Derek Jarman”*, também abordado em nossas discussões.

Uma disciplina com configuração tão (in) disciplinada ansiava por uma avaliação mais aberta. Após algumas discussões, decidimos pela apresentação de seminários. Sugerimos que escolhessem algum ponto do que havia sido discutido e problematizado em nossos encontros e nos apresentassem em exposição oral por mais ou menos trinta minutos. O objetivo desta avaliação foi perceber o que havia ficado para eles das problematizações que aconteceram ao longo dos encontros e como fariam essa “tradução” para o cotidiano. Após a apresentação pedimos para que relatassem suas impressões acerca da disciplina, a exemplo do que

háviamos feito no primeiro encontro. As impressões foram todas elogiosas. Alguns, inclusive, disseram que a disciplina deveria ter a carga horária estendida para 60 horas, e não apenas 30 como foi. Outros disseram que a disciplina tinha que entrar para um rol de disciplinas obrigatórias, enfim, seja com palavras, olhares ou gestos todos demonstraram, a sua maneira, que a (in) disciplina funcionou e decerto foi um produtivo exercício de pensamento para os alunos e nós, os professores; afinal, como sabiamente já dizia o escritor Guimarães Rosa: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende” (2006, p. 342). Foram muitas aprendizagens e desaprendimentos...

Chegamos ao fim, reiterando que discutir as fronteiras do conhecimento, as fronteiras dos saberes não significa higienizar a formação do pesquisador, como alguns acreditam, mas sim se abrir a outras possibilidades de diálogo que, a nosso ver, só fortalecem a discussão em torno dos saberes fronteiriços, como é o caso da educação matemática, da literatura e da filosofia, por exemplo. Desse modo, pensar os saberes ligados a essas áreas e a tantas outras como saberes fronteiriços não implica abrir mão da matemática ou da educação ou da literatura ou da filosofia em detrimento de outros saberes, não significa perda de “território” como creem alguns. Pelo contrário, com a educação matemática, por exemplo, corrobora a amplitude que se encontra ancorada na base e formação das palavras *educação* e *matemática*.

E-ducar diz ducere, conduzir, levar, e ex-, ek-,ec-,ecs-, para fora. Para fora, para onde? O sentido originário de ex- é ontológico, prévio ao *espaço* e *tempo*. Pelo contrário, fundado no *ser*, que não é, vigorando, manifesta tempo e espaço. Não pode ser reduzido a uma *categoria* gramatical que indica espaço, significando, portanto, o levar, por exemplo, para fora de uma sala ou para um crescimento numérico e cronológico, restrito a limites, somente possíveis em tempo e espaço já determinados. O ex- é o sem *limites* do livre aberto, da *clareira*, da *iluminação* e da *liberdade* ontológica (CASTRO, 2014, p. 1).

Matemático e matemática provêm da palavra grega *ta mathémata*, o que pode ser ensinado e aprendido. O verbo *manthano* significa ensinar e aprender; *mathesis*, o ensino, tanto no sentido do que é ensinado, como no sentido de ensinar e aprender; *mathetes* é o aluno, aquele que ensina aprendendo. O matemático diz, pois, o que pode ser ensinado e o que pode ser aprendido. (LEÃO, 2000, p. 142).

Assim, essas disciplinas (in) disciplinadas, como na transdisciplinaridade estão entre, através e além de qualquer disciplina, logo, mais afinadas com o conhecimento, por conduzem para fora, ensinam à medida em que aprendem; exercitam a aprendizagem de desaprender. Aliás, pensar e otimizar (in) disciplinas dessa natureza, como se deu com a (in) disciplina “Filosofia e educação matemática”, convocando para o diálogo dois cursos de Pós-Graduação, aparentemente, díspares, nos inscreve num lócus privilegiado porque é sim possível um físico teórico de partículas dialogar seriamente com um neurofisiologista, um

Perspectivas da Educação Matemática – INMA/UFMS – v. 10, n. 24 – Ano 2017

matemático com um poeta, um biólogo com um economista, um político com um especialista em informática sobre questões que vão muito além de banalidades nesses tempos de *trans*, nesses tempos de epistemologias outras, nesses tempos de mudanças... “Come writers and critics who prophesize with your pen/And keep your eyes wide, the chance won't come again/And don't speak too soon for the wheel's still in spin [...] For the times they are a-changin.”⁷

Referências bibliográficas

- BHABHA, H. **O local da cultura**. 5ª ed, Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.
- DERRIDA, J. (2005). **A farmácia de Platão**. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras.
- CASTRO, M. A. de. Educar poético: diálogo e dialética. In Castro, M., e Fagundes, I. e Máximo, A. **O educar poético** (pp. 15-42). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014
- LEÃO, E.C. Aprender e ensinar. In.: **Aprendendo a pensar**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.
- Lopes, M. (2010). Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. <<https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf>> Último acesso em 22/11/2017.
- MIGUEL, Antonio. Historiografia e Terapia na Cidade da Linguagem de Wittgenstein. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 30, n. 55, p. 368 - 389, ago. 2016.
- MIGUEL, F. V. C.. Investigações literárias contemporâneas a partir da atitude terapêutica de Ludwig Wittgenstein. **RevLet: Revista Virtual de Letras**, v. 8, p. 456-475, 2016.
- MIGUEL, F. V. C.; MIGUEL, A. . Uma terapia do noturno a partir do War Requiem de Derek Jarman. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 25, p. 195-214, 2015.
- WITTGENSTEIN, L. Conferência sobre ética. Tradução: Darlei Dall’Agnol. Disponível em <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA2KEAH/conferencia-sobre-etica>>.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra** (1981). Trad. Mário da Silva 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira
- NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999
- PLATÃO. **Diálogos: Mênon, Banquete e Fedro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.
- SAVIANI, D. (1992). **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 3. ed. São Paulo: Cortez
- ROSA, G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. BRUNI, J. C. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Submetido em outubro de 2017

Aprovado em dezembro de 2017

⁷ DYLAN, The times are a-changin’. Tradução livre. “Venham escritores e críticos, que profetizam com suas canetas/E mantenham seus olhos abertos, a chance não virá novamente/E não falem sem pensar pois a roda ainda está girando[...]/Pois os tempos estão mudando.”